

A FÉ, O IMPÉRIO E A RELAÇÃO DE SIMBIOSE

Maria Wellitania de Oliveira¹

RESUMO

A leitura do livro *Padre António Vieira: Educador, estratega, político, missionário*, de António de Abreu Freire, chama a atenção para a atuação do Padre Vieira nos serviços diplomáticos, sendo ele um padre missionário da Ordem dos Jesuítas, cujo ofício principal era o de pregador da palavra de Deus. Sabe-se que Vieira foi muito mais que um simples pregador, foi um brilhante orador, educador, visionário político com ideias além de seu tempo. Neste sentido, propõe-se discutir aqui a atuação de Vieira, o político a serviço da Igreja, para mostrar que, naquela época, no Século XVII, havia entre a Igreja e o Estado português uma relação de simbiose.

Palavras-chave: *Padre António Vieira*. Ordem dos Jesuítas. Literatura portuguesa.

¹ Doutoranda em Língua e Cultura pela UTAD – Universidade Trás os Montes, Portugal. Professora Mestra em Teoria e Crítica Literária, ministra aulas de Teoria Literária e Literatura Portuguesa no Centro Universitário UnirG, Gurupi – Tocantins – Brasil.

FAITH, THE EMPIRE AND THE SYMBIOTIC RELATIONSHIP

ABSTRACT

Reading the book Padre Antonio Vieira: educator, strategist, politician, missionary, by Antonio de Abreu Freire, draws attention to the work of Father Vieira in the diplomatic service, being him a missionary priest of the Jesuit order, whose main job was to be a gospel preacher. One knows that Vieira was much more than just a preacher; he was a brilliant orator, educator and a political visionary, holding ideas ahead of his time. This way, we propose to talk about Vieira's work, once he was a politician serving the Church, in order to show that at that time, in the seventeenth century, there was a symbiotic relationship between the Church and the Portuguese State.

Keywords: Father Antonio Vieira. Jesuit Order. Portuguese literature.

O PADRE, A RELIGIÃO, A POLÍTICA

Iniciaremos este estudo com um olhar sobre o Padre Antônio Vieira. Depois, uma definição de 'simbiose', no sentido denotativo da palavra. Adiante, posicionaremos o nosso entendimento acerca deste termo, marcado pelo aspecto de relação político-religiosa. Em seguida, dissertaremos sobre a nossa opção teórica.

Antes de adentrar nas considerações sobre Padre Vieira, é importante ressaltar a função do político e do religioso como pessoas públicas. Em primeiro lugar, o político é, em poucas palavras, o representante do povo. Aquele que tem a função de buscar os direitos destes e procurar sanar suas necessidades. Sobre este assunto, dizia Max Weber: "Há duas maneiras de fazer política. Ou se vive para a política ou se vive da política. Nessa oposição não há nada de exclusivo. Muito ao contrário, em geral se fazem uma e outra coisa ao mesmo tempo, tanto idealmente quanto na prática." (WEBER, 2004, p. 64). Para Weber, o político é um apaixonado pelo que faz como líder, indivíduo que possui conhecimento e capacidade técnica para atuar de forma engajada em prol da sociedade.

Em segundo lugar, o missionário é alguém que foi incumbido de realizar determinada missão, que tem por função a pregação religiosa em locais onde sua religião ainda não foi difundida, um catequizador, realiza trabalho de promoção social ou em local que necessite de (re)avivamento de sua crença ou religião. (DICIO, acesso em: 27 abr. 2012).

Neste sentido, Padre Vieira soube muito bem exercer os dois papéis: político e missionário. Como afirma Freire:

Viveu uma vida repleta de intensa e variada actividade, tanto na Europa como no Brasil, tentando solucionar inextricáveis problemas políticos num momento conturbado de confusão e incerteza, entregando-se com toda sua energia e vitalidade à causa missionária num espaço quase selvagem onde definiu estratégias políticas e geográficas, [...] (FREIRE, 2008, p.12).

No Século XVII, a corrente artístico-literária foi o barroco, "O Padre Antônio Vieira é a mais alta personalidade, humana e cultural, dessa época, à qual sua estatura invulgar deu nível e serviu de símbolo perfeito". Assim escreveu Massaud Moisés (1997) sobre Padre Vieira. Sem dúvida, foi o maior pregador do seu tempo, e também o defensor dos negros, dos índios e dos cristãos-novos (judeus convertidos).

Padre Vieira, no auge dos seus 33 anos de idade, voltou a Portugal com

a missão de apoiar o novo rei Dom João IV. Nessa época, Portugal passava pela guerra da Restauração da Coroa contra a Espanha, como afirma Freire:

O vice-rei D. Jorge de Mascarenhas achou por bem solicitar à Companhia de Jesus que o padre António Vieira acompanhasse o seu filho até junto do novo rei aclamado em Dezembro desse mesmo ano, e foi assim que a 30 de abril de 1641 o jesuíta se encontrou pela primeira vez com D. João IV, do qual rapidamente se tornaria amigo, conselheiro, confessor e embaixador. (FREIRE, 2008, p. 24)

Assim, o monarca, impressionado com Vieira, o tornou pregador da corte. Desta forma, Vieira ficou mais comprometido com o poder, então, passou a dar cobertura aos projetos de D. João IV. Em 1643, Vieira foi designado pelo rei Dom João IV para negociar a reconquista das colônias. Vieira tinha como proposta conciliar Portugal e Holanda, entregando, a título de indenização, a província de Pernambuco aos holandeses e reunir em Portugal os cristãos-novos, ou seja, os judeus que estavam dispersos pela Europa, com o intuito de protegê-los da Inquisição. Em troca, os judeus investiriam nos empreendimentos do Império Português. A defesa dos cristãos-novos e a sua fidelidade ao rei D. João IV valeram-lhe o ódio da Inquisição. Após a morte do seu protetor D. João IV, a Inquisição processou-o por

opiniões heréticas, em virtude de seus manuscritos: "Quinto Império"; "História do Futuro" e "Chave dos Profetas". Para Benjamin Abdala Júnior,

[...] a característica comum às produções de Vieira é a união do tema religioso à questão da política brasileira ou portuguesa [...] e a sua visão religiosa associada ao Realismo com que vê o homem e a vida faz dele um autêntico representante da época. (ABDALA JÚNIOR, 1990, pp. 56-59).

Anos mais tarde, em 1669, Vieira foi anistiado e seguiu para Roma onde ficou sob a proteção da Rainha Cristina da Suécia. Dez anos depois, o primeiro volume dos seus "Sermões" foi publicado em Lisboa. Voltou ao Brasil em 1681, onde passou a dedicar-se à literatura, vindo a falecer aos 89 anos, na Bahia. (BULCÃO, 2008).

Indiscutivelmente, Vieira foi um grande evangelizador, um extraordinário político e prosador, o "Imperador da Língua Portuguesa", como disse Fernando Pessoa².

De acordo com a biografia de Padre Vieira, é perceptível a íntima relação do mesmo, enquanto representante da igreja, com o Estado, representado pelo rei, isto é, não existia a separação entre o religioso e o monárquico. Segundo Paiva (2002, p.

² Precursor do Modernismo português, Fernando Pessoa refere-se ao Padre António Vieira, em seu livro *Mensagem*, publicado em Lisboa em 1934, como o "Imperador da Língua Portuguesa".

24) “[...] a Igreja era parte natural do Estado, melhor ainda: era parte natural da sociedade. A sociedade e o Estado só eram compreendidos a partir das premissas teológicas”. Este estado de dependência pode ser compreendido como uma relação de *simbiose político-religiosa*.

Biologicamente, simbiose é a “associação de dois ou mais seres de espécies diferentes que lhes permite viver com vantagens recíprocas e os caracteriza como um só organismo convivendo numa relação vantajosa de pelo menos um dos organismos vivos” (DICIONÁRIO DO AURÉLIO, acesso em: 27 abr. 2012). Assim, na relação simbiótica, os organismos exercem uma situação de dependência, não podendo ser separados, pois haveria o risco da morte de ambos. Em sua maioria, os simbiotes, como são chamados os seres que mantêm uma relação simbiótica, tem uma relação tão intrínseca que é difícil defini-los separadamente. Em sua maioria, os simbiotes não sabem do benefício que causam a outra criatura, buscam apenas se beneficiar, instintivamente, do outro.

No plano político e religioso, com uma visão voltada ao Século XVII, período em que Padre Vieira viveu e foi o expoente máximo da oratória,

podemos chamar essa relação de ‘Poderes’, mas aqui, trataremos como ‘simbiose político-religiosa’, algo parecido com sistema teocrático, mas não com abrangência do termo. O fato é que, no palco da ‘simbiose político-religiosa’, os atores têm ligações estreitíssimas – quando não diretas – com o Estado e com a Igreja, por meio de suas representações, em defesa de seus interesses individuais, como também coletivo, transformam-se em um só organismo, formado de dois, que lhes permite viver com vantagens recíprocas, desta forma, comungam com o conceito de simbiose do dicionário.

Segundo Vainfas,

A Igreja colonial esteve durante todo o período subordinada ao Estado português, constituindo-se, assim, num ramo do aparelho administrativo régio. O rei de Portugal, enquanto chefe de Estado e Grão-Mestre da Ordem de Cristo tinha a faculdade de provimento de todos os cargos eclesiásticos na colônia, indicando bispos a Roma e demais sacerdotes aos bispos. Tratava-se do padroado régio que implicava, ainda, no recolhimento do dízimo aos cofres do Estado, com o que se pagavam os vencimentos do clero (VAINFAS, 1986, p. 54-55).

Dessa maneira, os clérigos eram servidores do Estado. No tocante a Vieira, Freire (2008, p.13) diz que, “Os palcos do seu desempenho foram diversificados: palácios reais, catedrais, púlpitos e assistências selectas deslumbradas com a sua oratória.”

Assim como Vieira, sabe-se que os padres jesuítas, no período colonial, atuavam em diversas áreas além da religiosa. Vainfas (2008, p. 59- 60) comenta ainda, que muitos sacerdotes jesuítas, residentes no Brasil, acumularam bens materiais, como terras e escravos, e também participaram de outras atividades lucrativas.

Sabe-se também que, em 1564, o Estado português sustentou os jesuítas, no Brasil, em obediência ao decreto estabelecido por D. Sebastião, que decretou direitos à Companhia de Jesus, sobre parte dos impostos arrecadados na colônia – a chamada redízima³.

Diante do exposto, é possível afirmar que os Jesuítas, nessa relação com o poder monárquico, exerciam a função de personagens do povo, por terem convívio muito próximo com ele, e que também enxergavam vantagens na adesão ao sistema, sem, contudo, se elevarem até ele de modo oficial. Portanto, o sistema consiste, como já foi dito, numa relação simbiótica entre dois organismos. Um, o organismo político – a Coroa. O outro, o organismo religioso - a Igreja. Ambos interpõem sua

autoridade à sociedade sobre a qual exercem seu poder político-religioso, de forma que mantêm controle sobre ela, utilizando-se de ideias pronunciadas por fortes argumentações e eficiente oratória. E assim, a sociedade é contagiada, submetendo-se às propostas de forma espontânea, por acreditar que são verdadeiras. Portanto, a manutenção do sistema de simbiose político-religiosa é mantida pela participação da própria sociedade, que se organiza na divisão e execução de atividades e cargos variados, exercendo função de poder, em uma escala mais baixa, mas prestando serviços ao poder central do sistema que simbioticamente se mantém.

Nesse sentido, no século XVII, tanto o poder do Estado (a Monarquia) quanto o poder religioso (a Igreja) não se sustentaram por si mesmos, mas se fortaleceram com o apoio de subsistemas da sociedade, que prestavam serviço a eles e que se beneficiavam deles. Era uma via de mão dupla, jogo de duplo interesse.

Neste contexto, Padre Antônio Vieira, em muitas situações, foi protagonista, pois teve o poder em suas mãos. Suas interferências político-religiosas são, hoje, fragmentos da

³ Imposto instituído em 1564 por D. Sebastião, a fim de melhorar a situação dos jesuítas, uma taxa especial para a Companhia de Jesus, descontada sobre todos os dízimos e direitos da Coroa.

História Portuguesa como se pode perceber nos relatos de Freire:

Vieira foi solicitado pelo rei para o aconselhar na resolução de dois grandes problemas: o da independência da nação, ameaçada pelos direitos espanhóis à coroa portuguesa, direitos esses reconhecidos pela quase totalidade das outras nações, e o da questão de Pernambuco, cujo estatuto era necessário negociar com a poderosa Companhia Holandesa das Índias Ocidentais, [...] (FREIRE, 2008, p.25).

Contudo, não se pode afirmar que toda essa relação foi unânime e pacífica, visto que em todo sistema político-religioso há elementos de resistência que podem ser considerados os entraves da relação simbiótica. Pois, segundo Freire,

Em 1652, ele tem 44 anos, e a actividade diplomática desgastou-lhe a imagem; são mais que muitos aqueles que, por inveja ou desacordo com os seus métodos e as suas intervenções, quiçá por uma visão mais oportunista dos problemas, tramam o seu descrédito. Não fosse a amizade incondicional e a proteção do rei, Vieira estava em sérios apuros, mesmo dentro da própria Companhia de Jesus. (FREIRE, 2008, p.32).

Vê-se, no fragmento acima, um exemplo de resistência. Não se trata, portanto, de resistência ao sistema, mas da comprovação de que num sistema de

relações político-religiosa, fatalmente, existem resistências às proposições de seus líderes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Padre Vieira enfrentou a oposição a suas ideias, foi perseguido, preso e condenado pela Inquisição, que fazia parte do mesmo sistema que ele e que gozava dos benefícios das relações simbióticas.

Por isso, não se pode pensar que, algum dia, essas relações terão fim, esgotando assim, a temática deste texto. Pois, dentro da História da humanidade, sempre existiram e, provavelmente, sempre existirão as relações de simbiose político-religiosas.

Finalmente, a História revela ainda que, tanto a Igreja do período Imperial, quanto às demais que derivaram dela, estruturaram sistemas de poder em torno de relações de simbiose político-religiosa. Uma construção tão bem sucedida que um protege o outro e alimentam-se um do outro, de modo que onde está a Igreja, está o Estado e vice-versa.

REFERÊNCIAS

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. *História Social da Literatura Portuguesa*. 3 ed. São Paulo: Ática, 1990.

BULCÃO, Clóvis. *Padre Antônio Vieira – Um esboço biográfico*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

DICIO. *Dicionário online de português*. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/missionario/>>. Acesso em: 27 abr. 2012.

DICIONÁRIO DO AURÉLIO. Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com/Simbiose>>. Acesso em: 27 abr. 2012.

FREIRE, António de Abreu. *Padre António Vieira – Educador, estratega, político, missionário*. Lisboa: Portugália Editora, 2008.

MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa*. 29. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

PAIVA, José Maria de. *Padre Vieira*. São Paulo: Ícone, 2002. (Série Pensamento Americano).

VAINFAS, Ronaldo. *Ideologia e escravidão: os letrados e a sociedade escravista no Brasil colonial*. Petrópolis: Vozes, 1986.

WEBER, Max. *Ciência e Política: Duas Vocações*. São Paulo: Editora Cultrix, 2004.

Recebido em: 15 mar. 2012
Aprovado em: 29 abr. 2012